

Dr. David A. DeSilva,

2 Pedro e Judas

Sessão 4

A carta de Judas, repleta de alusões obscuras, repleta de polêmicas acaloradas, abordando uma situação obscura, talvez esteja apropriadamente aninhada no final do Novo Testamento. Lá, tende a permanecer, reverenciada, mas convenientemente esquecida. Judas não aparece nos lecionários dominicais padrão.

Imagino que raramente seja tema de estudos literários em igrejas. Não se presta exatamente a momentos de devoção pessoal. Se as editoras da Bíblia parassem de imprimir Judas, levaria um bom tempo até que percebessem.

A carta de Judas apresenta vários desafios ao leitor moderno. O primeiro é a sua brevidade. Temos uma janela muito estreita de apenas 25 versículos para perscrutar a vida de seus destinatários e entrar na situação que o autor aborda.

Nunca conheceremos este autor tão bem quanto conhecemos Paulo, ou mesmo Tiago, ou o ancião que nos deu 1, 2 e 3 João. E, portanto, ele permanecerá mais um conhecido canônico do que um amigo. O segundo ponto é o foco da carta no julgamento e na condenação.

Trata-se essencialmente de um discurso inflamado contra certas pessoas que se juntaram a uma congregação e começaram a se aproveitar de seus membros, alega o autor, para satisfazer sua própria ganância e desejos egocêntricos. Promover o julgamento de Deus e regras rígidas em relação à prática cristã dificilmente condiz com os valores de tolerância e pluralismo do século XXI. O terceiro ponto são as referências frequentemente obscuras do autor a episódios e imagens do Antigo Testamento em textos extrabíblicos.

O leitor precisa ter acesso mental a uma ampla gama de literatura judaica antiga se quiser apreciar plenamente esta breve carta. A quarta é a recepção conturbada de Judas ao longo da história da igreja. A igreja primitiva estava dividida quanto à sua autoridade.

Em grande medida devido ao seu apelo a textos extrabíblicos. Lutero não tinha certeza de que Judas fosse suficientemente valioso para ser incluído no Novo Testamento. O que Judas oferece para justificar sua inclusão em nosso cânone, mesmo perto do seu final? Ao longo deste breve curso, espero demonstrar que Judas faz pelo menos três contribuições vitais para o trabalho contínuo de discipulado e ministério.

Primeiro, Judas reforça a convicção promovida em todo o Novo Testamento de que a graça de Deus em Jesus Cristo tem um propósito: nossa libertação das paixões e desejos do nosso velho homem e nossa transformação em um novo homem que permanecerá irrepreensível aos olhos de Deus. Qualquer outra resposta à graça de Deus, qualquer outro uso da graça de Deus, equivale a negar nosso único mestre e Senhor Jesus Cristo, no que diz respeito a Judas. Judas teria aprovado a ênfase de John Wesley de que Deus opera para nos salvar não apenas da penalidade do pecado, mas também do poder do pecado, para que possamos de fato viver em santidade e justiça diante dele.

Em segundo lugar, Judas nos mantém cientes de nossa responsabilidade perante Deus, isto é, da certeza do julgamento divino. Ele vincula isso particularmente à integridade ministerial e, portanto, mantém sempre diante de nós a importante questão: estamos no negócio da religião para servir aos propósitos de Deus para o povo que Ele nos confiou, ou estamos no negócio da religião para servir aos nossos próprios interesses, sejam as concupiscências mais óbvias ou as tentações mais sutis do ego e do pão de cada dia? Os escândalos que abalaram tantas denominações e algumas igrejas não denominacionais, trazendo vergonha generalizada ao evangelho, nos lembram que esses perigos estão sempre presentes. Em terceiro lugar, Judas nos lembra de nossa responsabilidade uns para com os outros e de nossa responsabilidade para com os outros de nos responsabilizarmos mutuamente.

Isso vai contra a corrente, particularmente das igrejas ocidentais do século XXI, onde o direito do indivíduo à autodeterminação, livre da intervenção opressiva de outras pessoas, é um valor cada vez mais proeminente. Judas nos dirige uma palavra contracultural, encorajando-nos a intervir para restaurar irmãos e irmãs no Senhor que estão caminhando em uma direção contrária àquela para a qual a graça de Deus nos impele, humilhando-nos a ouvir quando somos objeto de tais intervenções. Somente por essas contribuições, a carta de Judas continuaria a merecer uma escuta atenta e cuidadosa.

A primeira palavra da epístola é a mais acaloradamente debatida: Judas, Judas, um escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago. Judas era um nome muito comum, herdando o nome de um dos 12 patriarcas, aquele que, de fato, deu seu nome à entidade política mais duradoura dentro do antigo Israel, o reino do sul de Judá. Encontramos várias pessoas chamadas Judas no Novo Testamento.

Judas, o Galileu, foi um revolucionário. Judas, filho de Tiago, um dos discípulos. Judas, não Iscariotes, como lemos em João.

Claro, Judas Iscariotes aparece. Mas também encontramos no Livro de Atos Judas de Damasco, Judas Barsabás e, novamente nos Evangelhos, Judas, meio-irmão de Jesus e irmão de Tiago, José e Simão, bem como irmão de duas ou mais irmãs não identificadas. A apresentação que o autor faz de si mesmo como escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago aponta mais claramente para este último judeu, visto que alguém só se identificaria em conexão com um irmão, e não com o pai, se o irmão fosse notavelmente proeminente em seus círculos.

Tiago, meio-irmão de Jesus, parece não ter se firmado no círculo de seguidores de Jesus até depois da ressurreição, depois que Jesus lhe apareceu, ressuscitado dos mortos, como lemos em 1 Coríntios 15, versículo 7. Tiago rapidamente emergiu, no entanto, como um líder na Igreja de Jerusalém, certamente na época da visita de Paulo a Jerusalém, relatada por ele em Gálatas 2:1-10. Tiago também aparece em um papel de liderança na Conferência de Jerusalém de Atos 15, na qual pronuncia a palavra final. E novamente em Atos 21, onde dá a Paulo instruções destinadas a dissipar a desconfiança dos cristãos judeus em relação a Paulo e sua missão.

Particularmente durante o século XIX, a ascensão da crítica histórica levou os estudiosos a reabrir as questões de autoria de todos os escritos do Novo Testamento. Judas não foi

exceção. É comum hoje encontrar comentários que sugerem que esta breve carta não foi composta pelo próprio Judas, mas sim por um autor posterior, em seu nome.

Revisaremos brevemente os argumentos contra a autenticidade da carta e minhas próprias razões para interpretá-la como uma composição autêntica de Judas, meio-irmão de Jesus. O primeiro argumento contra a autenticidade desta breve carta envolve alegações de que ela apresenta sinais reveladores de autoria do final do século I ou início do século II. Três características em particular.

Este argumento, contudo, me parece o menos convincente e, na verdade, um argumento que deveria ter sido simplesmente abandonado há muito tempo, visto que Judas, na verdade, não compartilha nenhuma das características alegadamente refletidas em composições pós-apostólicas. A primeira característica é uma expectativa decrescente do retorno de Cristo. Judas, no entanto, demonstra uma expectativa viva, pelo menos da intervenção decisiva de Deus, para julgar o mundo.

Embora Judas não insista em sua proximidade em termos de tempo, também não há nada que sugira o contrário, e certamente nada que sugira um atraso no cumprimento dessas expectativas, como encontramos, por exemplo, em 2 Pedro, que aborda explicitamente o problema de um atraso percebido no retorno de Cristo e no julgamento de Deus. A segunda característica é um apelo à hierarquia da Igreja para resolver problemas em congregações locais, como se encontra nas cartas de Inácio de Antioquia, que as escreveu por volta de 110 d.C. Mas nenhum apelo desse tipo aparece na carta de Judas.

Não há sequer menção aos ofícios da Igreja. A terceira característica é a suposta degeneração do uso da palavra fé, de um termo relacional dinâmico para um termo que se refere a um conjunto de doutrinas. Este é um critério particularmente problemático por dois motivos.

Primeiro, a fé é usada para descrever um conjunto de convicções e um modo de vida muito antigo na história da Igreja. Ela aparece nesse sentido já em Gálatas, capítulo 1, versículos 23 e 24, onde Paulo relembra como os cristãos da Judeia falavam dele já em 40 d.C. Eu ainda era desconhecido pessoalmente das igrejas da Judeia que estão em Cristo.

Eles apenas ouviam dizer: "Aquele que costumava nos perseguir agora prega a fé que antes tentava destruir". A fé aqui claramente não é um termo relacional, mas sim um termo que denota um conjunto de convicções e um padrão de prática que define o movimento ao qual Paulo se opôs anteriormente. Este critério específico também privilegia o uso mais típico de Paulo da fé como um termo relacional de confiança entre o cristão e Jesus em detrimento de outros usos, como "inicial e mais vibrante" versus "tardio e mais petrificado".

Observe, no entanto, que até Paulo pode usar a palavra "fé" no mesmo sentido que aqueles cristãos judeus que ele citou em Gálatas 1:23. Em Filipenses 1:27, por exemplo, lemos: "Somente vivam de modo digno do evangelho de Cristo, para que, quer eu vá e os veja, quer esteja ausente, ouça a respeito de vocês que estão firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica". Usar a palavra "fé" para denotar o conteúdo da mensagem do evangelho era apropriado naquela época, em qualquer época, fosse bem antiga ou tardia.

Onde quer que haja oposição ou defesa do Evangelho, a fé é o contexto. O nível de grego da carta também é frequentemente citado como um sinal de que alguém diferente do Judas histórico a escreveu. Teria o filho de um artesão galileu sido capaz de escrever grego como o que encontramos nesta carta? Na verdade, não temos conhecimento direto do ofício e profissão de Judas antes, e possivelmente paralelamente, ao seu trabalho ministerial, nem se isso o teria exigido maior fluência na segunda língua da Galileia, o grego.

Poderíamos presumir que ele participava dos negócios da família, como construção e carpintaria, mas isso continua sendo apenas uma suposição. Não era garantido que todos os membros da família participassem dos negócios do pai, e talvez não houvesse negócios suficientes para sustentar tantos membros da família. Alguns estudiosos também frequentemente deixam de levar em conta a experiência de Judas em Jerusalém, no centro da liderança de um movimento religioso em uma cidade multilíngue.

Tiago, Judas e os outros líderes do movimento cristão primitivo teriam tido contato regular com judeus da diáspora de língua grega, residentes em Jerusalém ou que vinham esporadicamente às grandes festas de peregrinação. Judas também tinha experiência como missionário. Eusébio, citando Júlio Africano, figura do século III, fala dos parentes de Jesus como missionários na Galileia.

Havia várias cidades na Galileia onde pregar e ensinar em grego teria sido imensamente útil, senão essencial, como Séforis, Tiberíades e Júlio-Betsaida. Se a missão deles se estendesse às cidades da Decápolis, como Citópolis, por onde os judeus galileus passavam a caminho de Jerusalém se não passassem por Samaria, ou Gadara ou Hipos, ambas de frente para o Mar da Galileia, o desenvolvimento da habilidade em grego teria sido de fato necessário. Paulo sugere que os irmãos de Jesus tinham uma missão ainda mais abrangente.

Ele fala aos seus convertidos coríntios sobre os outros apóstolos e irmãos do Senhor que operavam como missionários e mestres itinerantes, acompanhados em suas viagens por suas esposas, a quem as igrejas também forneciam apoio, esperando que esses crentes coríntios estivessem familiarizados com essa prática. Você pode encontrar isso em 1 Coríntios 9, versículo 5. O ministério em qualquer uma dessas áreas teria forçado Judas, qualquer que fosse sua vocação anterior, a aprofundar seu conhecimento do grego. A carta de Judas exibe um amplo vocabulário grego, mas não um estilo grego excepcional.

E é geralmente reconhecido que é mais fácil adquirir vocabulário do que alcançar a naturalidade da expressão em uma segunda língua. Há também a possibilidade, na verdade a probabilidade, de que Judas se valesse da ajuda de outros cristãos que estivessem mais familiarizados com a língua e a composição gregas, como Judas escreveu aos convertidos de língua grega. Por fim, alguns estudiosos se opuseram à autenticidade da carta, alegando que Judas, nos versículos 17 e 18, relembra a morte dos apóstolos ao narrar a história ao público.

Mas vocês devem se lembrar, amados, das predições dos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo. Eles lhes disseram: Nos últimos tempos, haverá escarnecedores seguindo suas paixões ímpias. Uma leitura mais atenta mostra, no entanto, que o público é explicitamente instruído a se lembrar do que os apóstolos disseram, e não a se lembrar dos apóstolos como se estivessem mortos.

Esta última é uma inferência possível, mas nada a torna provável, muito menos necessária. Não há, portanto, nenhuma implicação nesses versículos para a data. Além disso, o autor presume que seu público terá ouvido essas palavras dos próprios lábios dos apóstolos, situando pelo menos algumas delas, naturalmente, na primeira geração da existência da Igreja.

Uma indicação potencialmente positiva de autenticidade surge no enraizamento da carta nas tradições judaicas palestinas. As frases bíblicas que o autor incorpora tendem a refletir o texto hebraico do Antigo Testamento mais de perto do que a Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento amplamente utilizada entre os judeus de língua grega em todo o Mediterrâneo oriental. Por exemplo, Judas 12 fala dos intrusos como, abre aspas, nuvens sem água sendo levadas pelos ventos.

No texto hebraico de Provérbios 25:14, o orgulhoso é comparado a nuvens e ventos sem chuva. Na Septuaginta, porém, o orgulhoso é simplesmente como ventos, nuvens e chuvas, omitindo a principal característica da imagem original: uma tempestade tempestuosa que não produz nada de útil. Em Judas versículo 13, os intrusos são chamados de ondas bravias do mar, que trazem à tona sua espuma degradante.

Novamente, isso reflete o texto hebraico de Isaías 57, versículo 20, onde os ímpios são comparados ao mar agitado, cujas águas lançam lama e lodo. A versão da Septuaginta deste versículo não apresenta a imagem impactante de um mar agitado revolvendo a lama do fundo. Lá na Septuaginta, os ímpios simplesmente, abre aspas, serão jogados de um lado para o outro pelas ondas e não conseguirão descansar.

O mais dramático é o uso que o autor faz do Primeiro Enoque, um texto que parece ter sido composto e mais lido na Palestina. Este é um assunto ao qual retornaremos mais tarde com mais profundidade, à medida que analisamos a carta. O autor também parece ter conhecimento de tradições extrabíblicas sobre figuras bíblicas como Caim, encontradas também em textos palestinos, como os targumim aramaicos, paráfrases aramaicas das escrituras hebraicas.

Quanto à data da carta, não há indicações internas claras, exceto pela proeminência de Tiago, presumindo-se, portanto, um período posterior à partida de Pedro de Jerusalém e à ascensão de Tiago ao papel de liderança. E, por outro lado, a provável duração da vida de um irmão mais novo de Jesus. Podemos, portanto, imaginar que este texto tenha sido escrito em qualquer época entre 50 e 80 d.C.

A ausência de qualquer referência à posição do templo ou à sua destruição não é útil para a datação. Argumentos baseados no silêncio são sempre precários, especialmente quando aplicados a uma carta do tamanho de um cartão-postal. Trataremos esta, então, como uma carta genuína de Judas, um escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, como o autor diz no primeiro versículo.

Podemos notar, por um lado, a modéstia de se autodenominar irmão apenas de Tiago, embora isso também o conecte ao líder do movimento de Jesus na Judeia, e a um escravo, em vez de irmão de Jesus, aquele que é o Senhor, tanto do autor quanto do público. Embora a escravidão represente o status mais baixo na ordem social do primeiro século, um escravo também pode funcionar como um título honorífico para pessoas que alegavam servir a Deus

com uma devoção particularmente sincera e que alegavam pertencer a Deus. Moisés, Josué e Davi são todos identificados como escravos de Deus nas escrituras judaicas.

Os profetas cristãos são, em geral, escravos de Deus no livro do Apocalipse, o que lhes confere autoridade como pessoas que promovem os propósitos de Deus na Terra. Paulo, Tiago e João, o autor do Apocalipse, também se identificam como tais. Judas se dirige àqueles que são convocados, que são amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo.

Judas nos conta muito pouco sobre seu público. Ele não nos dá a localização de suas congregações, como Paulo faz de forma bastante consistente. Ele não fornece nenhuma informação direta sobre sua etnia.

O conteúdo desta breve carta pressupõe que o público esteja familiarizado com as tradições judaicas sobre Caim, os anjos caídos e Moisés, não encontradas nas escrituras canônicas. Pressupõe-se também algum grau de familiaridade e respeito pelo Primeiro Enoque, que se originou e era conhecido por ter autoridade nos círculos judaicos palestinos. Era, por exemplo, um texto autoritativo na comunidade de Qumran e, portanto, provavelmente autoritativo em todo o movimento essênio.

Isso pode levar a suspeitar que a audiência era composta em grande parte por cristãos judeus de língua grega, que teriam maior exposição a essas tradições, embora também pudesse haver uma presença substancial de convertidos gentios, pessoas como Cornélio e sua família, que encontramos em Atos 10, um morador de Cesareia à beira-mar. Uma audiência na Palestina também estaria em harmonia com a esfera de influência e supervisão exercida pelos parentes de Jesus. Embora as pessoas nas aldeias mais rurais da Palestina provavelmente não fossem suscetíveis ao relaxamento dos padrões morais abordado por Judas, os cristãos nos centros urbanos da Galileia ou nas planícies costeiras, cercados por práticas gregas e de outros estilos de vida não judaicos e, em alguns casos, abandonando-as, poderiam ter sido tentados a experimentar.

Teria sido nos centros urbanos que um movimento em direção à introdução da cultura dos simpósios gregos, envolvendo uma maior liberdade de comer, beber e conviver com os cristãos na refeição ágape, teria sido mais atraente. Um público urbano na Palestina também explicaria por que Judas escreveu em grego em vez de aramaico. Isso, é claro, é tudo uma questão de palpites dos estudiosos, já que, mais uma vez, o próprio Judas nos conta muito pouco sobre seus destinatários.

O que ele nos diz sobre seu público é o que ele lhes diz sobre si mesmos. São, abre aspas, aqueles que são convocados ou chamados, convidados, que são amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo. Como é comum em toda a igreja primitiva, Judas usa uma linguagem que já foi aplicada ao Israel histórico para descrever o corpo particular reunidos em torno da fé em Jesus, em torno da fé confiada uma vez por todas aos santos.

Israel é frequentemente mencionado como o povo que Deus chamou ou convidou para ser o Seu próprio povo. Muitas vezes, diz-se que Deus ama Israel ou o considera amado. Mas os destinatários também são mantidos em Jesus Cristo.

A ideia de ser guardado com um fim específico em vista emergirá como um tema proeminente nesta breve carta. No versículo 21, Judas exortará os ouvintes a se manterem

no amor de Deus que atualmente desfrutam. Os mestres intrusos, por outro lado, também são guardados por Deus, exceto pela escuridão do submundo no versículo 13, visto que estão operando no mesmo espírito dos anjos caídos que não se mantiveram em seu reino, mas cruzaram os limites traçados por Deus, e por isso agora estão presos em cadeias eternas nessa mesma escuridão, como encontramos no versículo 6. Com o segundo versículo, "Que a misericórdia, a paz e o amor sejam multiplicados para convosco", Judas completa a fórmula típica que abre uma carta no mundo do primeiro século.

Essa fórmula, do remetente ao destinatário, saudações, era frequentemente expressa de forma muito concisa, como encontramos nas cartas helenísticas, excessivamente preservadas ao longo de 1 e 2 Macabeus, por exemplo, mas também em centenas de cartas em papiro não literárias que vieram à tona das areias do Egito. Judas, como outros líderes cristãos primitivos, expande cada elemento. Aqui, a simples palavra "saudações" é substituída por um desejo de misericórdia, paz e amor, presumivelmente com Deus como a fonte de cada experiência, para repousar sobre os ouvintes.

Aliado à descrição encorajadora de Judas sobre o público como alguém guardado e amado, esse desejo dá forte garantia da boa vontade de Judas para com aqueles a quem sua carta será lida em voz alta, incidentalmente também os dispendo bem para com ele e para com sua advertência. Tanto o amor quanto a misericórdia também iniciam uma série de ressonâncias ao longo da breve carta. Judas retorna ao tema da misericórdia nas exortações finais, orientando os ouvintes a manterem suas esperanças fixas na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, que conduz à vida eterna, e a estenderem misericórdia a seus irmãos e irmãs que virem se desviando do caminho que conduz à vida.

Da mesma forma, a descrição dos ouvintes como amados e o desejo de que continuem a experimentar o amor de Deus desde o início são respondidos por repetidos discursos aos ouvintes como amados ao longo da carta e pela exortação a que se mantenham no amor de Deus, caminhando nos caminhos da santidade e da fidelidade para os quais e para os quais a graça de Deus os chamou. Esses versículos iniciais servem, portanto, para marcar claramente o gênero da escrita como o de uma carta, mas também para cumprir dois requisitos principais de uma abertura forte de qualquer discurso. Primeiro, estabelecer a autoridade e a boa vontade do orador e, segundo, apresentar alguns dos temas-chave do discurso.

Embora agrupada com as chamadas epístolas católicas, aquelas que, como Tiago e 1 Pedro, são verdadeiramente escritas para um público amplo, Judas, na verdade, aborda um problema e uma situação muito específicos: o surgimento de mestres de fora de uma congregação ou grupo de congregações em particular. Amados, enquanto me empenhava em escrever-lhes acerca da salvação que compartilhamos, tornou-se necessário que eu escrevesse a vocês, para exortá-los a batalhar pela fé que foi entregue aos santos de uma vez por todas. Pois certos homens se infiltraram, os quais há muito estavam destinados para esta condenação, homens ímpios, que transformam a graça de nosso Deus em desavergonhada satisfação pessoal e negam o nosso único Senhor e Mestre, Jesus Cristo.

Judas chama seus ouvintes de amados várias vezes nesta curta carta, aqui e novamente nos versículos 17 e 20. Tais afirmações de seus laços afetivos com eles provavelmente servirão para reforçar a confiança e a garantia da boa vontade de Judas, em contraste marcante com

esses outros mestres que agem por motivos egoístas em vez de amor genuíno pelos fiéis. Judas dá a impressão de que estava compondo um tipo de carta muito diferente, uma que gostaríamos muito de ter recebido, pois conteria uma declaração mais completa sobre o que o meio-irmão de Jesus entendia como a mensagem do evangelho e a esperança que ela trazia.

Isso também é um sinal da boa vontade de Judas para com os ouvintes. Ele já os tinha em mente, assim como sua fé, e já vinha se dedicando a fortalecê-los na mesma. Acontecimentos recentes, no entanto, como a chegada e o impacto de mestres itinerantes entre as congregações que eram a esfera de atuação de Judas, agora exigiam uma intervenção mais urgente de sua parte em prol dos fiéis cujo bem-estar espiritual lhe é de grande preocupação.

Havia sempre uma variedade de mestres circulando entre a rede de congregações cristãs. Encontramos em Gálatas relatos de mestres rivais de Paulo se estabelecendo ou tentando se estabelecer entre seus convertidos na província da Galácia. Em 2 Coríntios, encontramos novamente mestres rivais que buscavam se inserir nas congregações de Paulo em Corinto.

Encontramos mestres novamente por trás da situação de Judas, e os encontraríamos também na situação por trás de 2 Pedro. Quando nos voltamos para Apocalipse, vemos mestres a quem a vidente chama de Jezabel, ou os nicolaítas, afirmando a si mesmos e sua visão da prática cristã entre as igrejas da província romana da Ásia. O uso que Judas faz das imagens desses mestres se esgueirando ou se infiltrando, no versículo 4, indica claramente que esses mestres vinham de fora da congregação ou das congregações.

No versículo 8, Judas fala dos erros desses mestres decorrentes de seus sonhos, o que sugere que eles, como tantos gurus espirituais no mundo greco-romano, baseavam seus ensinamentos e sua autoridade na revelação baseada no êxtase, na pretensão de estar em contato direto com o divino e de receber comunicações diretas e autoritativas dele. A imagem de pastoreio que aparecerá no versículo 12 sugere que esses intrusos são pessoas que se apresentam e agem como mestres ou líderes espirituais. Judas desperta seus ouvintes para a urgência de lutar pela fé, pelas convicções sobre as intervenções de Deus e sobre o modo de vida que encontra misericórdia diante de Deus que eles compartilharam, tanto mais que isso representa o próprio depósito divino da verdade reveladora de Deus para a comunidade dos Santos, os santos.

Podemos notar como a forma como Judas formulou os versículos 3 e 4 posiciona os ouvintes ao lado de Judas e contra esses intrusos. Judas e os destinatários desfrutavam de uma salvação compartilhada que, à medida que a carta se desenrola, não é compartilhada por esses mestres. Judas também coloca a si mesmo e a seus ouvintes no papel de defensores da fé, enquanto os intrusos emergem como um perigo claro e presente para a integridade da fé, novamente ouvindo a fé aqui como um corpo de ensinamentos revelados que molda tanto as convicções quanto a prática.

Judas, de fato, discordará mais da prática ética do mestre do que de sua doutrina. Era comum nos séculos XIX e XX retratar os adversários de Judas como gnósticos, mas com base em pouquíssimas evidências e em uma compreensão bastante falha de como o gnosticismo

realmente se desenvolveu . Não há evidências reais de uma controvérsia cristológica por trás da carta de Judas, como vemos em 1 e 2 João.

Negar nosso único Mestre e Senhor Jesus Cristo é provavelmente um reflexo da falta de interesse desses mestres em obedecer a Jesus, em vez de confessá-Lo. O próprio Jesus foi lembrado por afirmar a inseparabilidade da confissão e da obediência prática. Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos digo? A presença deles nas festas de amor dos fiéis sugere fortemente que esses mestres se autoidentificariam como cristãos.

Mas, afirma Judas, a trajetória de suas vidas sugere o contrário. O versículo 4 identifica seu principal fracasso e, portanto, o principal perigo que representavam para as congregações de Judas. Trata-se da recusa em se alinharem aos propósitos de Deus em troca do favor que Deus havia concedido aos desobedientes.

A graça de Deus não dá licença para a autoindulgência. Pelo contrário, ela fornece a oportunidade e os meios para a libertação no juízo final. Deus oferece a sua graça com o objetivo, como Judas expressa no versículo 24, de impedi-lo de tropeçar e de fazê-lo apresentar-se irrepreensível e com grande alegria diante da sua glória.

Os ouvintes de Judas teriam apreciado a injustiça, a afronta inerente a tirar vantagem da generosidade de um doador e usar o favor deste para fins contrários às suas intenções e propósitos. Nós, cristãos do século XXI, estamos culturalmente alienados da ética de dar e retribuir favor, da ética de dar bem e receber bem, honrando a dádiva e honrando o vínculo de lealdade ao doador, buscando, em troca, promover os interesses do doador. Judas acusa os intrusos de violarem esse vínculo sagrado, de perverterem a generosa bondade de Deus em perdoar pecados em vez de puni-los, abrindo espaço em suas vidas e, muito possivelmente, encorajando outros crentes a também abrirem espaço em suas vidas para práticas autoindulgentes em vez de práticas que honrem a Deus.

A noção de que a graça de Deus implicava indulgência, embora distante do evangelho apostólico, era, no entanto, bastante difundida nas igrejas do primeiro século. O próprio Paulo teve que corrigir as implicações que seus próprios convertidos extraíam de seu evangelho livre da lei. Pode-se lembrar, por exemplo, como ele teve que abordar a licenciosidade sexual praticada por alguns grupos em Corinto, bem como a liberdade excessiva em relação à participação em banquetes realizados nos terrenos dos templos dos ídolos.

Profetas e mestres em algumas das igrejas abordadas pela revelação, como os crentes na Corinto de Paulo, também ensinavam que os crentes podiam abrir espaço para a participação na idolatria, a fim de se relacionarem bem com seus semelhantes. O próprio Paulo foi acusado de promover tal autoindulgência, contra a qual se defende vigorosamente em sua carta aos cristãos em Roma, destacando a transformação moral promovida por seu evangelho. Os intrusos contra os quais Judas escreve podem ter tido essa mesma mentalidade, ou podem ter sido meramente esponjas carismáticas em busca de uma carona e mais de cristãos crédulos.

O autor pagão do século II, Luciano, conta a história de um certo Peregrino, que conseguiu se aproveitar de uma congregação cristã dessa maneira por um bom tempo, antes que sua insinceridade fosse descoberta. Judas apresenta esses intrusos como nada mais do que

muitos outros falatrões que propagam suas filosofias ou religiões no mercado, buscando lucro com suas marcas, nunca deixando de satisfazer tanto o ventre quanto os lombos. Identificar esses intrusos como ímpios no versículo 4 introduz um elo verbal que os conecta com os objetos do julgamento de Deus nas predições do Primeiro Enoque, que encontraremos no versículo 15 da carta de Judas, e com os falsos mestres contra os quais os apóstolos haviam alertado, como os que encontramos no versículo 18 desta carta.

Judas acrescenta que esses intrusos foram, abre aspas, marcados há muito tempo para esta condenação no versículo 4. A alegação de que eles estão sob o julgamento de Deus e estão destinados a experimentá-lo obviamente serve para levantar questões, no mínimo, sobre a vantagem de continuar a tolerar sua influência. Judas os marca como pessoas errantes e míopes a serem reevangelizadas e redimidas, em vez de vozes a serem ouvidas. Grande parte da carta de Judas será ocupada em demonstrar, por meio de exemplos históricos, os exemplos sendo principalmente retirados das escrituras compartilhadas, que aqueles que se comportam como esses intrusos estão se comportando de forma desfavorável quando Deus intervém para responsabilizá-los.

Caim, Balaão, Corá e seu grupo, os anjos rebeldes, o povo de Sodoma, a geração do Êxodo, todos eles servem como advertências contra andar no caminho desses intrusos e como um aviso a esses intrusos sobre o fim ao qual estão destinados se continuarem em seu caminho. Judas também pode sugerir, com uma forte linguagem de destino aqui, que os intrusos estão desempenhando um papel para o qual estavam, de fato, destinados, pois os apóstolos previram que tais pessoas surgiriam entre os fiéis.

O roteiro deles havia sido escrito antes de seu surgimento entre os fiéis aos quais Judas se dirige. O fim do arco narrativo já é bem conhecido pela história. A situação que deu origem a esta carta de Judas reflete o contexto mais amplo do ressurgimento da profecia dentro do movimento cristão primitivo.

A igreja primitiva estava convencida de ter experimentado, em todos os lugares onde se formou, um novo derramamento do Espírito e sua manifestação em dons carismáticos, notadamente orar ou falar em línguas estranhas, proferir palavras proféticas ostensivamente vindas do Senhor, e assim por diante. Isso se reflete em passagens como Gálatas 3, versículos 1 a 4, 1 Coríntios 2, versículos 1 a 5, e Hebreus capítulo 2, versículos 3 e 4, todas as quais relembram a consciência intensificada da atividade do Espírito Santo no meio de uma congregação. Isso se reflete também em todo o livro de Atos, especialmente destacado no Pentecostes e no sermão de Pedro no Pentecostes, ou nos ministérios dos apóstolos em Samaria, ou no episódio de Cornélio em Atos capítulo 10.

Tornou-se importante, portanto, testar o que foi dito no Espírito para certificar-se de que era, de fato, uma palavra confiável da parte do Senhor. E assim encontramos nas cartas de Paulo: Não desprezeis as profecias, mas examinai todas as coisas. Retende o que é bom.

Que dois ou três profetas falem, e que os outros avaliem o que é dito. O próprio Jesus alertou contra falsos profetas cujas palavras poderiam estar alinhadas com a verdade, mas cujos motivos eram egoístas e prejudiciais à saúde da comunidade. Acautelai-vos dos falsos profetas que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.

Vocês os reconhecerão pelos seus frutos. Colhem-se uvas de espinheiros ou figos de abrolhos? Assim, toda árvore boa dá bons frutos, mas a árvore ruim dá frutos ruins. Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore ruim dar frutos bons.

Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, vocês os reconhecerão pelos seus frutos. Os discípulos devem examinar os resultados da obra desses profetas entre eles para determinar se são genuínos.

Paulo alertou os cristãos em Colossos que a ostentação de um mestre de ter tido visões de anjos ou mesmo de viver um estilo de vida austero era suficiente para garantir a segurança contra fraudes. A autoridade genuína vinha somente da conexão de um mestre com Cristo. O autor, 1 João, escrevendo após uma dolorosa cisão na igreja, ofereceu testes éticos e doutrinários.

Mestres que não reconheciam que Jesus era o Cristo encarnado ou que não refletiam um amor sincero pelos irmãos não eram movidos pelo espírito de Deus. Mais tarde, no primeiro ou no início do segundo século, um manual sobre liturgia cristã dedicada ao Espírito Santo e às três ordens e éticas da Igreja, conhecido como Didaquê, que em grego significa "ensinamento", dedicou três dos 16 capítulos à questão de acolher, apoiar e testar profetas itinerantes. Eles deveriam receber liberdade e respeito significativos, mas se solicitassem dinheiro ou presentes fingindo falar no espírito, seriam expulsos.

Além disso, eles eram limitados a três dias de sustento às custas da comunidade, para que não se instalassem como esponjas permanentes ou potenciais perturbadores da liderança local. Os dons espirituais não deveriam se tornar vales-refeição permanentes. A carta de Judas é mais uma janela para esse fenômeno de ajudar as congregações a discernir e aprender como elas mesmas podem discernir o mestre confiável daquele que as desviará da fé transmitida de uma vez por todas aos santos e as desviará da direção para a qual essa fé as impeliria em suas próprias vidas.